

Redes tecno-sociais e ação coletiva

Tamara Egler

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional – IPPUR/UFRJ – Brasil

tamaraegler@uol.com.br

This study intends to examine the possibilities given by the information technologies for the development of techno-social nets mediated by computers, which makes possible a new kind of collective, a net of individuals in continual communication, for the formation of new spaces of collective action.

space; network; communication; collective action; social

Antecedentes

O objeto de conhecimento, do presente estudo, está associado ao desvendamento das formas de atuação coletiva no espaço tecnológico. Parte-se da compreensão onde se reconhece que na atualidade temos uma significativa transformação dos processos espaciais, que resultam de base técnica informática e que possibilitam a formação de objetos, fluxos e ações próprios à essa tecnologia. Esses espaços de tecnologia informática, concretude invisível, materialidade fluida e arquitetura em rede, possibilitam processos que alteram as relações entre as nações, cidades e pessoas do mundo. A nossa pesquisa se propõe a examinar as possibilidades dadas pelas tecnologias da informação para o desenvolvimento de redes tecno-social, e para a formação de novos espaços de atuação coletiva.

O espaço social

O espaço social é aquele que é percebido entre os indivíduos que participam de um coletivo. É de natureza imaterial, refere-se aos vínculos que traçam as relações entre os indivíduos e a sociedade e que formam o tecido social. Que se representam através de fios invisíveis, de natureza comunicativa que fazem a coesão social, é a cola que reúne os homens em lugar comum. Podemos ler diferentes esferas do tecido social, onde se realizam coletivos específicos que tem por objeto de ação a produção econômica, a organização política e a vida social.

Podemos perguntar: quais são os novos espaços de atuação coletiva que podem ser reconhecidos, dadas as tecnologias da comunicação e informação?

Para responder a essa indagação, o nosso ponto de partida está inscrito no advento de novas tecnologias de comunicação que possibilita a formação de um espaço tecnológico que possui uma forma com múltiplas faces e que possibilitam a criação de um espaço imaterial, fluido, sendo sua arquitetura em rede infinita, cujas conexões formam centros onde se sobrepõem redes em diferentes escalas. É a forma espacial da sociedade da informação e comunicação.

Esse novo espaço se diferencia das formas anteriores de comunicação humana. Os primeiros meios de comunicação como o telegrafo e o telefone, operavam no regime um a um, cada emissor se conecta a um receptor. Os meios de comunicação de massa como o rádio e a televisão operam num regime um a todos. Mas os atuais meios de comunicação operam num regime todos a todos. Qualquer ponto da rede pode ser tanto destino como origem da informação. O resultado desse é a implantação de um novo espaço de comunicação humana, é o ciberespaço, domínio constituído por entidades e ações puramente informacionais. Esse espaço é análogo ao espaço físico construído das cidades onde a interconectividade total entre os seres humanos pode se dar, independente do espaço geográfico. (Oliveira, 2002)

No ciberespaço vamos observar produção de novos objetos, fluxos e ações. (Santos, 1996) Esses objetos se constituem em densidades cognitivas, uma vez que operam como próteses do pensamento que administram o intercâmbio de informações, não se trata de ampliar as ações no espaço, mas da ampliação de processos no tempo. Isso quer dizer que os corpos não se deslocam, mas as relações se

compactam. Nesse espaço os fluxos não transladam os corpos, mas os sentidos, o aparelho sensorial das pessoas. (Oliveira, 2002). Essas novas relações produzem uma possibilidade para novas ações sociais que resultam na produção de objetos simbólicos, pela realização de outros fluxos comunicacionais, que transformam a produção econômica, política e cultural.

Essa nova base técnica, que permite fluxos comunicacionais atemporais e aterritoriais, resulta no ciberespaço. Entendemos que o mesmo foi utilizado primeiramente pelas possibilidades de articulação de atividades econômicas, no processo de globalização, que ao vencerem as barreiras locais, redefinem a decisão do investimento capitalista e do papel do Estado. Nesse processo foi possível observar a fusão entre economia e a política, e a reinvenção de formas de dominação das nações mais ricas sobre as mais pobres. (Hardt & Negri, 2000)

O essencial do nosso trabalho é demonstrar como as novas tecnologias constituem um novo espaço que resulta, transforma e se sobrepõem às formas anteriores do espaço construído que o precede. As novas formas de conectividade, que possibilitam que a qualquer momento possamos nos conectar à qualquer pessoa ou à um reservatório de dados. Essa multiplicidade de canais possibilita uma nova forma de coletividade, um novo tecido tecno-social, uma rede de indivíduos em contínua comunicação. (Oliveira, 2002) O foco da análise proposta é examinar o uso da tecnologia para a formação de redes sociais, no sentido de observar e avaliar as possibilidades técnicas para a constituição de novos espaços de atuação coletiva.

Formação de coletivos sociais

A importância desse estudo está associada à possibilidade de se criar novos coletivos sociais mais autônomos. Sendo sua problemática inscrita no debate da ação política e de suas múltiplas determinações sobre o desenvolvimento social. A reflexão parte da formação do espaço social e dos efeitos das tecnologias de comunicação sobre o mesmo. A delimitação do objeto está na fronteira entre a formação de redes sociais e os processos de sua transformação, dada a utilização de técnicas eletrônicas de comunicação.

Podemos começar nossa reflexão procurando entender o que é rede social. Ler o mundo não é uma tarefa fácil. A compreensão do real é um esforço de trabalho que resulta de muitas operações mentais no sentido de produzir um pensamento socialmente compartilhado. É esse o sentido da investigação em ciências sociais que busca a interpretação da realidade.

Consideramos que na modernidade a ciência social estava atrelada a uma compreensão do mundo que considerava o social em suas determinações econômicas. Na teoria marxista essa relação pode ser facilmente reconhecida, quando os estudos que se debruçam sobre a essência do processo social reconhecem que a sociedade resulta essencialmente da instância econômica, sendo, portanto, a interpretação do social lida como classe trabalhadora. Consideramos que esta compreensão esta associada à realidade ela mesmo do processo social, na Inglaterra industrializada do séc. XIX de Carlos Marx, quando interpretava o mundo escrevendo O Capital.

A percepção do social é lida no trabalho, na fábrica, nos processos de dominação do capital. O social é, portanto uma derivação do movimento de acumulação do capital, sendo teoricamente subordinado. Lido, portanto, como o coletivo de trabalhadores a serviço dos interesses de acumulação capitalista. Se Marx observou o social e viu o coletivo de trabalhadores no interior da fábrica é porque a realidade estava construída, próximo à essa compreensão. O que não pode acontecer é ler os textos teóricos e interpretar o real, historicamente determinado, de forma mimética.

Para fazer avançar a compreensão da realidade social, podemos ler em Gramsci o conceito de hegemonia que introduz na interpretação do mundo social a importância da cultura e do conjunto de manifestações que compõem a superestrutura e que formam o pensar do social. Quando ele lhes atribui valor específico e determinante na compreensão da sociedade e de seu processo de transformação.

Não é nosso objetivo fazer uma retrospectiva na literatura em ciências sociais para avaliar o lugar do social. Esse movimento analítico tem somente a intenção de mostrar a dificuldade de se dar densidade cognitiva ao social.

Vamos encontrar, na história do pensamento político, outros conceitos que permitem nos aproximar de sua essência. O conceito de poder em Hanna Arendt, que observa a possibilidade do coletivo de produzir uma ação comum em direção a um objeto compartilhado. O que produz a coesão social que se realiza através da ação comunicativa e que dá o mesmo sentido ao mundo. Nos faz aproximar da noção de coletivo social. O que faz o social é a possibilidade de compartilhar de um mesmo conjunto de valores e crenças, que resultam de um processo de comunicação que se tece por fios invisíveis. Quando o poder que se realiza por um curso da ação em comum, faz a teia do social.

Consideramos por coletivos sociais, toda relação que reúne um número de pessoas considerada suficiente para uma atividade que tenha um mesmo objeto de ação. Por exemplo, uma sala de aula, tem por objeto de ação, trabalhar um conteúdo específico de uma determinada disciplina, uma empresa tem por objeto a produção, e distribuição de uma mercadoria específica. Podemos pensar também nas formas de utilização das redes pelos governos. Um outro exemplo, pode estar associado ao movimento social que constitui um coletivo que objetiva alcançar o atendimento de uma demanda, por exemplo, localizada no espaço urbano. Trata-se, portanto, de entender o que são os coletivos, na vida urbana cotidiana e como eles se transformam na mediação de redes técnicas.

O primeiro cuidado é observar que as redes técnicas resultam de redes sociais pré-existentes. Isso é importante para que não tenhamos a ilusão de que é possível constituir redes em si mesmas, sem que exista uma identidade social que a preceda.

Para avançar na investigação das redes tecno-sociais é preciso construir uma metodologia que nos permita experienciar, através da pesquisa-ação as condições de utilização de espaços em rede de suporte tecnológico. Na atualidade temos observado, experiências singulares de sua utilização. Para avançar nessa investigação, é possível produzir uma situação de uso de tecnologias para a formação dessas redes nas diferentes esferas, como na produção, educação, na organização política. A investigação deve caminhar no sentido de investigar:

Efeitos do uso das redes nos objetivos que se pretende alcançar; ordem das mudanças observadas nas relações sociais, nas suas diferentes aplicações; procedimentos tecnológicos; inteligência para o uso de técnicas de informática; identidades sociais que se criam; cultura da comunicação mediada por redes; relações de dominação e cooperação; processos de inclusão social;

Os experimentos para redes sociais

Para investigar as redes tecno-sociais devemos reconhecer o lugar analítico, que observa a importância da ação social na prosperidade das nações. Está claro para nós que a constituição de redes sociais autônomas pode se constituir em um espaço de integração social, que abre caminhos para a realização de experimentos que alie inovação tecnológica ao desenvolvimento social. Em nível local, a formação de redes sociais possibilita um espaço de comunicação, o qual pode criar coletivos sociais de ação autônomas. As inovações tecnológicas permitem estruturas de organização, que nessa arquitetura em rede horizontal, possibilita a realização de fluxos que permitem a comunicação concomitante de muitas pessoas que participam dos coletivos.

Formar redes sociais para atividades econômicas, políticas e culturais, e transformar as relações que se estabelecem entre Estado, capital e sociedade, no sentido de constituir novas articulações, mais flexíveis e fluídas. A rede social, localmente construída, pode se constituir em importante espaço para a prosperidade das pessoas, em seus lugares. Podemos pensar em comunidades autônomas que se comunicam entre si, através de um processo de auto-organização. Isso transforma as relações entre espaço público e espaço privado, redefine o papel do Estado e de suas relações com a sociedade.

Porque através dessa articulação social em rede, poderá ser possível procede a novas formas de lidar com o bem estar coletivo.

Referências

Arendt, H.: 1981, *A condição humana*, Rio de Forense Universitária, Salamandra, Editora da Universidade de São Paulo, Brasil SP.

Hardt, M. & Negri, A.: 2001, *Império*, Record, Brasil RJ.

Oliveira, L. A., *Valores deslizantes: esboço de um ensaio sobre técnica e poder*, in Novaes, A.: 2002, *O avesso da liberdade*, Schwarcz, Brasil.

Santos, M.: 1996, *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, Hucitec, Brasil SP.

